

190

Avá

# O Popular

Goiânia — Sábado, 20 de Novembro de 1982

ANR 007 63

**CADERNO**

**2**

Editor: Paulo Beringhs

## SEM TERRAS E FUGIDOS DO PROGRESSO, OS AVÁ-CANOEIRO QUEREM UM LUGAR PARA VIVER

José Sebastião Pinheiro

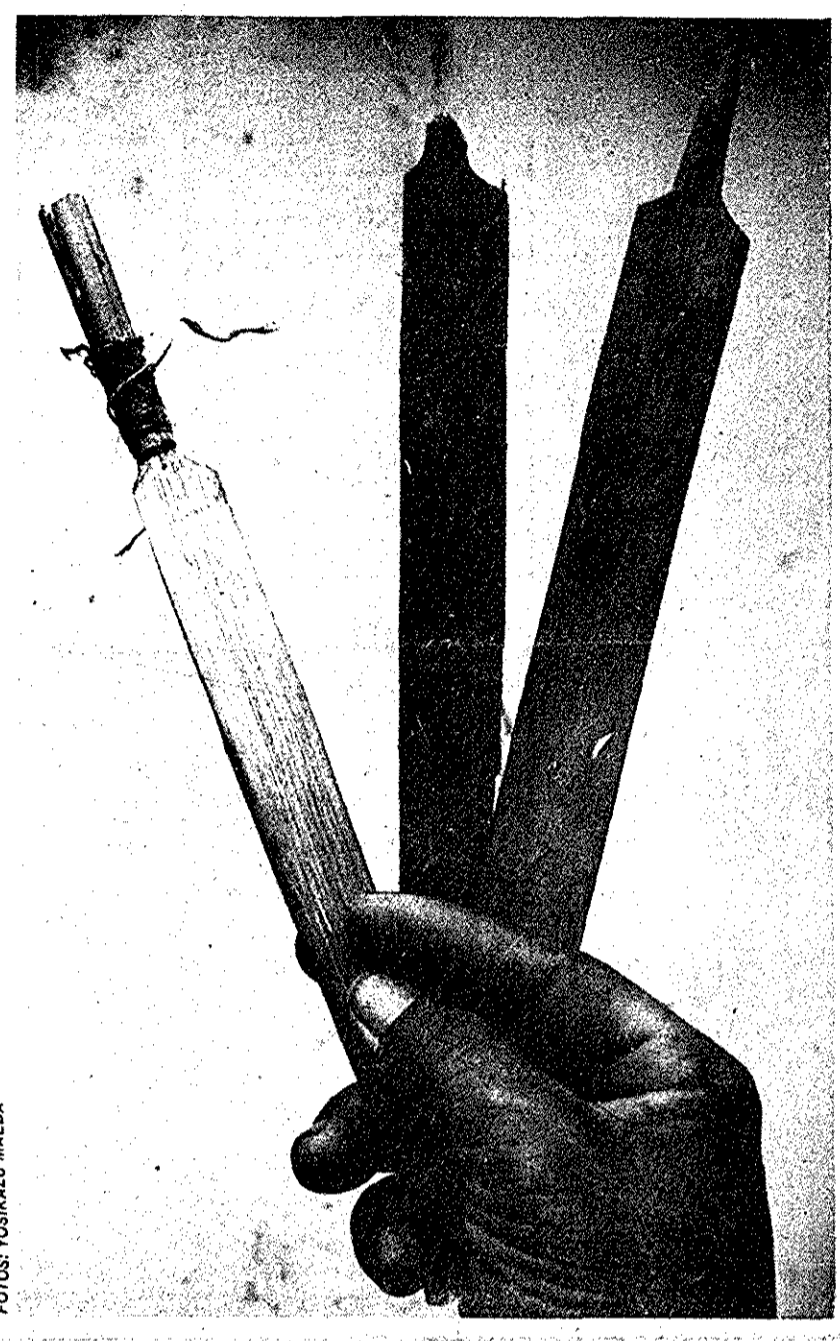
**N**OVE anos depois de serem vistos atacando gado, os índios avá-canoeiro voltam a ser causa de apreensão, de cuidados e de preocupação por parte dos habitantes da região nordeste do estado de Goiás, mais especificamente, dos municípios de Cavalcante e Monte Alegre de Goiás, onde os arredios selvagens, em restritas aparições, já mataram quatorze animais entre vacas, cavalos, burros e éguas nesse ano de 1982, gerando um clima um tanto quanto tenso entre os moradores das áreas onde foram vistos. Os mais recentes sinais dos ataques dos avá-canoeiro naquela região estão nas mortes de uma mula, um cavalo e uma vaca, em cujos corpos foram encontradas três flexas que hoje estão em poder da equipe de frente de atração que a Funai-Fundação Nacional do Índio enviou com a finalidade de constatar as denúncias de fazendeiros e, principalmente, tentar um contato com o grupo, estimado pelas pessoas da área e por elementos da Funai em vinte a vinte e cinco elementos.

A presença dos avá-canoeiro nos municípios de Cavalcante e Monte Alegre foi muito notada no ano de 1973, quando por lá estiveram sertanistas famosos como Apoena Meireles, Praxedes, Benamor Brandão (este, filho de criação do Marechal Rondon), Auçer e Assuri que de concreto mesmo, segundo pessoas que integraram as equipes de atração, só conseguiram vê-los muito ligeiramente e, conseqüentemente, sem maiores condições de um contato ou mesmo de uma avaliação melhor dos silvícolas. Naquele ano, houve até a notícia não confirmada pela Funai de que uma pessoa teria sido morta por um avá-canoeiro, mas os habitantes da região, ouvindo agora, garantiram desconhecer esse fato e disseram que até o momento os índios só atacaram animais, o que nem por isso os deixa mais tranquilos, pois — como revelaram — há o temor de que de um momento para outro possa acontecer algum ataque mais grave.

Chefiada pelo sertanista Gilvan Brandão Silva, a frente de atração da Funai não quis fazer declarações a respeito dos últimos acontecimentos envolvendo o que seriam os índios avá-canoeiros e os animais atacados, alegando proibições superiores, mas alguns dos habitantes da região que integram a equipe fizeram revelações que coincidiram com os depoimentos da grande maioria das pessoas que vivem de perto o problema. O senhor Elias Dias, por exemplo, contou que no fim de setembro deste ano viu seis fogos que teriam sido acesos pelos índios, no pé da Serra do Funil, no município de Monte Alegre de Goiás, onde também foram vistos montes de palhas cortadas, o que indica a pretensão dos selvagens de construir moradas. Morador das margens do Rio Paranã e acompanhante da equipe da Funai na região, o senhor Eduardo Fernandes de Castro é proprietário da única vaca que foi flexada pelos índios e não morreu.

Ele conta como tudo aconteceu: "A minha casa é aqui, mas o meu gado fica do outro lado da estrada, onde meu filho mora. É ele quem cuida do meu gado. E foi o meu neto quem viu a vaca atacada com um estrepe e avisou para todos, mas ninguém sabia que era obra de índio. Só depois de tirada é que ficamos sabendo que era uma flexa que estava fincada na barriga da vaca. Ai o seu Manoel, um rapaz da Sucam que estava trabalhando por aqui, levou a flexa para a Delegacia de Polícia de Monte Alegre". Esse ataque se deu no dia 28 de setembro último na Fazenda Curralinho e os moradores não sabiam que atitude tomar com relação a ele e a outros que vinham acontecendo, pois jamais imaginavam que se tratassem de índios, muito menos de avá-canoeiros. Dizendo nunca ter visto um, Eduardo conta que o pessoal ficou cisado depois de tomar conhecimento da origem dos ataques, mas assegurou que eles (os índios) ainda não atacaram gente. Ele conta ainda que uma mula foi flexada e caiu fulminada na porta da casa do seu dono, na região chamada Calunga, próximo à Serra do Funil.

Porém, antes de tudo isso, duas burras — uma de um senhor chamado Libânio e outra do senhor Salvinho — já haviam sido atacadas, só que eles não sabiam de quem partiram os ataques. A partir do segundo ataque é que os moradores começaram



FOTOS: YOSIKAZU MAEDA

a se impacientar, quando o senhor Patu e o senhor Louriano resolveram andar pelos arredores e ficaram surpresos com rastros de quatro pessoas descalças, supondo então que eram realmente índios. Pouco tempo depois, um moço das Contendas (região onde moram negros, situada no município de Monte Alegre, às margens do Rio Paranã), chamado Nicolau, estava pescando com outros companheiros quando viu um homem forte da cintura para cima, moreno, cabelos longos e anelados descendo a Serra do Funil com algo na mão (uma cabaca, talvez). Rapidamente Nicolau chamou os colegas de pescaria a quem mostrou o estranho visitante que empreendeu fuga em

desabalada carreira serra acima tão logo notou que estava sendo observado. Os casos são muitos e todos convergem para um ponto: devem se tratar de índios. Eduardo Fernandes de Castro conta ainda que no mês de outubro deste ano, também nas proximidades da Serra do Funil, os índios mataram uma égua e quando estavam esquartejando-a, um grupo de mulheres que passava pelo local, fez com que eles fugissem sem terminar a tarefa, enquanto dois cavalos — um de Policarpo e outro de Adão — foram mortos no dia 11 de outubro. Segundo ele, esses animais são mortos para servir de alimentos para os índios, uma

Só neste ano, quatorze animais foram atacados pelos índios na região de Cavalcante e Monte Alegre de Goiás e três das flexas estão hoje em poder da Funai para investigações

Eduardo: dono da única vaca atacada que não morreu. A flexa foi tirada ainda em tempo

O chefe da frente de atração da Funai que foi deslocada para a região, Gilvan Brandão Silva, não quis prestar declarações alegando orientações superiores



animais, mas as três flexas que agora estão em poder da Funai mostram exatamente o contrário: são instrumentos bem trabalhados em taquara, pontiagudos e com cabos também de taquara enrolados com algo parecido com cordão. As flexas têm tamanhos iguais umas as outras e são sempre lançadas na mesma parte dos animais: nos ventres, próximo às pás dianteiras das vacas, cavalos ou burros. As dificuldades que a frente de atração da Funai está encontrando são muitas. Mesmo sem quererem prestar depoimentos para a nossa equipe de reportagem, vários integrantes da equipe demonstraram enorme cansaço e lamentavam entre si a dureza de se andar na região, muito acidentada e muito pobre. Um deles falou que nos 17 dias de perambulações por aquelas bandas, a equipe andou a pé, nada menos que 240 km, distância que pode ser dobrada se se considerar que são percursos de serras e terrenos pedregosos, enquanto outro — Antônio Bonis dos Santos — revela que já viu três avá-canoeiros esse ano, na Barra dos Macacos, às margens do Rio Tocantins, no município de Minaçu, mas que não conseguiu contato com eles, que estavam confeccionando uma canoa e fugiram quando o notaram. Outro problema enfrentado diz respeito às informações contraditórias dos moradores da região que, apavorados com as investidas dos índios, acabam dando notícias desencontradas que prejudicam sensivelmente a ação da Funai.

## EM 1973, O PRIMEIRO CONTATO

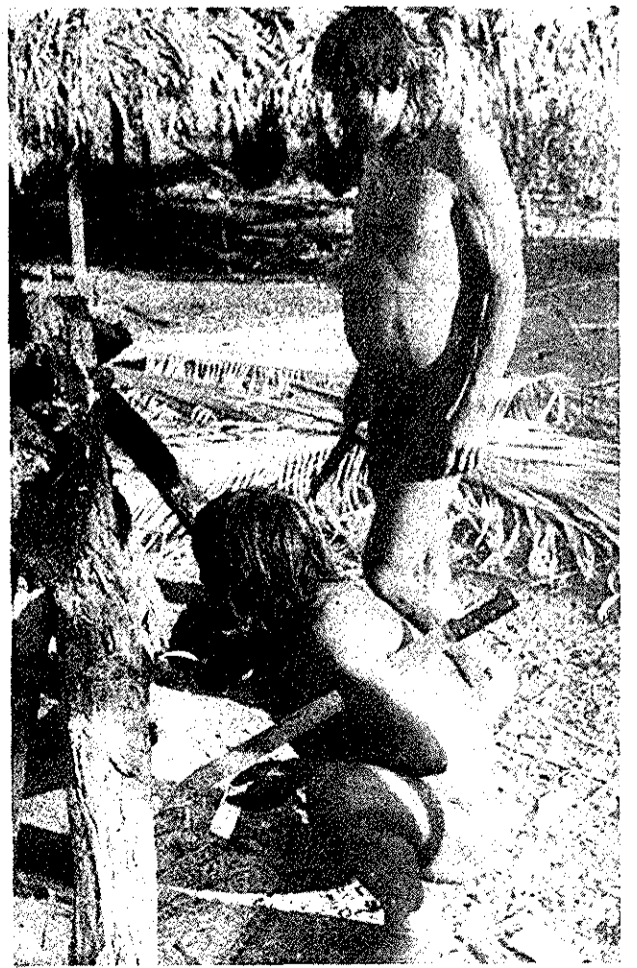
**H**Á anos estudando os negros de Goiás e com experiência em assuntos índios, a antropóloga Mari Baiocchi diz não poder adiantar nada sobre os silvícolas da região de Cavalcante e Monte Alegre, mas lembra as afirmações do sertanista Apoena Meireles em 1973, quando aconteceu um contato com os avá-canoeiro, oportunidade em que disse haver mais índios na região. A antropóloga cita ainda que José Praxedes (falecido há pouco tempo), depois do contato de Apoena, em várias expedições pelo nordeste goiano na tentativa de contatá-los, encontrou vestígios, mas não os viu. "O que está acontecendo é que os índios, sentindo-se sufocados pela expansão da fronteira econômica que lhes reduz suas áreas de origem, ficam andando de um lugar para outro à procura de locais onde possam viver. A grande verdade é que eles devem estar vivendo momentos difíceis e não sabem onde ficar. É preciso que se faça alguma coisa para salvá-los, não é possível que eles desapareçam, principalmente quando se sabe que estão fugindo de áreas que por natureza sempre lhes pertenceram", fala Mari Baiocchi.

Ela entende que os problemas se agravaram mais com o advento de Brasília, com aberturas de estradas, como a Belém-Brasília que cortou o território habitado pelos avá-canoeiro e a montagem de projetos agrícolas e minerais oficiais e particulares, bem como a colonização e ocu-



pação definitiva dos espaços, ocasionando a migração e mesmo a desagregação de comunidades índias e negras. A antropóloga diz ainda que "a sobrevivência dos povos índios e negros deve ser vista sob dois aspectos: o humano e o científico, pois estes povos representam nossa ancestralidade, ao mesmo tempo que culturalmente têm muito o que nos ensinar". O "Boletim Informativo" da Funai, de nº 8, traz uma pequena matéria que conta como foi o contato da equipe chefiada por Apoena Meireles e sete avá-canoeiro de um grupo que provavelmente seria compos-

Em 1973, uma equipe da Funai chefiada por Apoena Meireles contactou pela primeira vez um grupo de avá-canoeiro aqui fotografado pela antropóloga Mari Baiocchi



to por trinta ou quarenta índios. O contato se deu na Fazenda Canuanã município de Formoso do Araguaia em dezembro de 1973 e os avá-canoeiro levados para a Ilha do Bananal, onde se encontram hoje. O "Boletim" descreve assim os avá-canoeiros: "São de cor parda, tipo físico brevílineo, cabelos lisos, utilizam redes, suas flexas possuem ponta de ferro e conhecem artesanato em couro. Vivem completamente nus e sua pintura corporal se resume em leves traços feitos com tinta de jenipapo e não usam qualquer adorno. Sua alimentação se baseia no gado que, até ago-

ra, vinham abatendo em fazendas da região". A parte final dessa descrição feita pela equipe de Apoena coincide com o que vem acontecendo na região de Cavalcante e Monte Alegre, onde, só em 1982, foram atacados quatorze animais. Couto Magalhães, no entanto, afirmou que os avá-canoeiro constituíam o grupo mais valente e a antropóloga Mari Baiocchi salienta que de 1722, época do povoamento de Goiás, para cá os índios estão resistindo até agora: "É o povo mais resistente, eles estão resistindo à sua dizimação e isso é uma prova de sua valentia". Ainda segundo Couto Magalhães, avá significa canoeiro e foi ele quem os denominou assim porque os índios desse grupo tribal andam pelos rios em ubás (uma espécie de canoa). (J.S.P.)